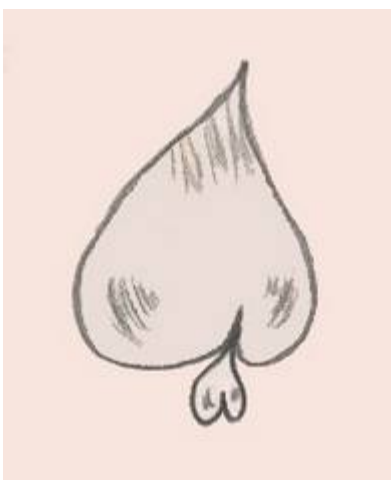


**POESIAS  
DO  
AMOR PAGÃO**



**Poesias 1987 1988 1989**

**José M. da Silva**

**© José Manuel da Silva, 1989  
Rio de Janeiro, R.J., Brasil**

Copyright

## ÍNDICE

AMOR DOS FRACOS .....	4
17/08 .....	6
SEM TÍTULO I .....	7
SEM TÍTULO II .....	7
OUVI UMA CANÇÃO .....	8
MENINA DO CABELO CASTANHO .....	9
CAMINHANDO .....	10
DO BÉBADO .....	11
AU .....	12
O POETA DA LUZ FRACA .....	13
DO SER .....	14
DAS MOÇAS .....	15
A TUA AUSÊNCIA .....	16
LOUCO VARRIDO .....	17
TU .....	18
A TUA IMAGEM .....	19
AMOR PAGÃO .....	20
O CORAÇÃO .....	21
ESSAS LETRAS .....	22
UMA PARTE DE MIM .....	24
ALGUÉM .....	25
ORA .....	26
VEJA BEM .....	27
VOCÊ ME PERGUNTA .....	28
EPIFANIA I .....	30
DEPOIS DO JANTAR .....	31
O DILÚVIO .....	32
O RELÓGIO .....	33
EM VENDO A NOITE .....	34
CANÇÃO DO ESQUECIMENTO .....	35
COM O CORRER DO DIA .....	36
DÚVIDA .....	37
ISABEL .....	38
TENTANDO ENTENDER O OLHAR ENIGMÁTICO DO GATO... ..	39
MUDANÇA .....	40
CLUBE .....	41
FRAGMENTOS .....	42
DIZE-ME QUEM ÉS... ..	43
SONIA .....	44
SEM PRETENSÃO .....	45
DESEJO QUALQUER – MAL-ME-QUER .....	46
DIVISANDO O SOL POENTE .....	49
DEPOIS .....	50
PERGUNTA .....	51
POEMA DO EU .....	52
JOE .....	54
CHEIRO DE VOCÊ .....	55
A CLARINETA .....	56
ACHO .....	58
AINDA .....	59
POEMA DO FIM .....	60
UM QUERER .....	61
PARA VINÍCIUS OUTRA VEZ .....	62
POESIA INACABADA .....	64
POESIA INACABADA I .....	64
POESIA INACABADA II .....	64
POESIA INACABADA III .....	64
POESIA INACABADA IV .....	64
EM TEMPO .....	65
*** .....	66

To Bob Dylan

Sex is a temporary thing; sex isn't love. You can get sex anywhere. If you're looking for someone to *love* you, now that's different. I guess you have to stay in college for that.

Bob  
Dylan

Copyright

## AMOR DOS FRACOS

Só os fracos podem amar  
pois só um fraco pode perdoar  
um ultraje tamanho ao paladar  
só um fraco pode olhar nos olhos  
de alguém que o trai sem pretexto.

Só os fracos podem amar  
pois só um fraco vê certa beleza  
em tirar do antro o perdido  
em cavar a própria sepultura  
e abdicar da cultura  
em prol da perda de tempo  
que é o momento  
de rir pra não chorar.

Só os fracos podem amar  
pois só um fraco escreve poemas  
em nome de um amor impossível  
e só a fraqueza explicaria  
um poema de tabacaria  
enfim só um fraco é sensível  
a ponto de chorar na rua  
pelo brilho marcante da lua.

Pois os fortes tentam amar  
mas resistem a tais maus tratos  
e não choram sem motivos  
e não morrem estando vivos  
nem tampouco têm coragem  
de entrar pela garagem  
se a decência fecha a porta.

Pois moral, respeito e brio  
só existem se ligados  
ao que todo fraco almeja  
o amor quente de alguém frio  
passeando de mãos dadas  
seja lá que dia seja.

Só os fracos podem amar  
pois só um fraco tem doçura  
pra adoçar esse teu fel.  
E se a vida vale a pena  
seja oca ou seja bela  
eu sou fraco e digo não  
a viver sem coração.

Só os fracos podem amar  
pois amar é a fortaleza  
que fraqueja a solidão.

*Rio, 1987.*

Copyright

17/08

O verso agora ficou mudo  
foi-se a estrofe que era tudo.  
É,  
José,  
aí está a tua resposta  
não há muito o que dizer  
neste agosto já sombrio  
foi-se do mundo a inspiração  
com a tua expiração  
não há muito o que fazer  
pois a chuva já secou.  
Que alguém bom te ampare e guarde  
ao teu gosto sem alarde  
e vai, poeta, ser eterno  
deixa o mundo, esse doente  
se ocupar em ser moderno.

*Rio, 1987.*

Copyright

**SEM TÍTULO I**

Da rua em diante  
não há o que fazer  
do mundo pra baixo  
só te querer.

Pois tua casa é no céu  
e o mundo uma ilusão  
quando penso nos teus olhos  
e tudo então vira prazer.

Do vício de querer um copo  
chego a ficar bêbado  
de tanto ter fome de te olhar  
fecho os olhos e não paro de te ver.

*Terezópolis, 1987.*

Copyright

**SEM TÍTULO II**

Sou quem te atenta o juízo  
porque sou quem te ama;  
e em muitas horas do dia  
não consigo sair dessa lama.

Gosto de gostar gostando  
e sem querer querer ficar  
fazendo amor e divagando  
porque é divertido te gostar.

*Rio, 1987.*

**OUVI UMA CANÇÃO**

Ouvi uma canção  
que me lembrou do teu sorriso  
como se o amor  
fosse apenas um aviso.

E o brilho dos teus olhos  
se me chegou em pensamento  
como se a saudade  
desfalecesse esse momento.

E então filosofei  
eu cá comigo e meus botões  
imaginando o casamento  
desses nossos corações.

E ainda agora distraído  
o frio duro, a luz tardia  
surpreso olhando para o teto  
pois que te amava e não sabia.

*Rio, 1987.*

Copyright



**MENINA DO CABELO CASTANHO**

Você que senta na janela  
Abre o caderno e faz não sei o quê  
E me deixa pensando  
Em ficar com você  
Cadê a razão que me faz perceber  
Seu cabelo castanho  
E jeito largado?  
Não são pra mim e talvez pra ninguém  
Que não devia  
Não devo  
Pensar em você  
Por quê? Se o sol  
Continua a brilhar  
Num dia tão lindo  
Sem ter de pensar  
Em largar de você  
O se me pergunta  
Onde ponho meus olhos  
E em qual dimensão  
Descobri-me em você  
Entrée para o dia  
Visão tão feliz  
E um susto me agarra  
Sua presença sumiu  
Da janela e do mundo  
E um rapaz sonhador  
Já ganhou a manhã  
A fingir que teu nome  
É minha bela Désirée  
Você Você  
Cadê Você  
Por quê? Você  
Se você  
Entrée Désirée.

*Rio, 1987.*

**CAMINHANDO**

Não se fazem mais amores  
assim aconchegantes  
em que esquecer o mundo  
é lembrança embriagante.

Olhem só onde cheguei  
sem dinheiro andando a pé  
pelas ruas da cidade  
sem destino mas com fé.

Enredado em pensamentos  
a cabeça latejando  
mas a dor é mais profunda  
uma espécie de ar nefando.

Onde é mesmo que eu parei?...  
Ah!... Não se fazem mais amores...  
Bem, anyway agora é tarde  
Vou dormir sem meus pudores.

Copyright

Um favo  
de mel  
procura  
do anel  
na falta  
do alguém  
me durmo  
pensando  
em qualquer  
Isabel.

*Rio, 1987.*

**DO BÊBADO**

No fundo a vida  
é a sensação  
de se estar constantemente  
bêbado. Olhar por cima. Estar em baixo.  
Sentir não pensando.  
Pensar não querendo.  
Querendo não vendo.  
No caso o estudo  
com o sexo e o trabalho  
a vida  
história das três fugas.  
Pois a fuga do bêbado  
não traz a consciência material da fuga  
e sim a abstrata intuição  
de algo prazeroso  
embora doloroso.  
Dá um sono...  
Maldito mal-estar!  
Esse questionamento do desejo  
um eterno investigar  
entre o abraço e o beijo.  
Embate ferrenho...  
Duro chegar à conclusão  
se tudo é dádiva ou maldição.

*Rio, 1987.*

**AU**

Como ousas me dizer que não  
vivo como tu  
penso como tu  
como te atreves a negar  
que sinto  
que reflito  
é público e notório  
meu existir  
meu ser  
faz com que me julgue  
diferente de você  
que não vive  
que não sente  
que não reflete  
que não existe  
como eu  
que não penso em ti  
como pensas em mim  
que começo a pensar  
por que pensas assim  
pois eu vejo você  
mas você não me vê.

*Rio, 1987.*

Copyright

**O POETA DA LUZ FRACA**

O poeta é um ser marginal  
e muito gosta de o ser tal  
começa pelo meio  
e não termina no final.

Que ser é esse que chora a saudade  
do que ainda não chegou  
e que pinta a imagem  
do que alguém nunca falou?

O poeta é o lugar  
da rima rica e do desterro  
da loucura onde o fato  
se engrandece com o detalhe  
onde tudo faz sentido  
e onde brilha uma luz fraca  
onde chego sem ter ido  
vomito a letra e como a faca.

*Rio, 1987.*

Copyright

**DO SER**

Há um pensamento estranho em minha mente  
Como um algoz de minha voz  
E enquanto penso  
Não descanso  
Há agora uma verdade em minha vida  
Como o amor que não tem cor  
E enquanto vivo  
Só me esquivo  
Há do ser a grande dúvida enfim  
Como o espelho que reflete atrás de mim  
E enquanto estudo as dimensões do não-saber  
Vem a vontade tão imensa de escrever.

*Rio, 1987.*

Copyright

**DAS MOÇAS**

Vi uma perna bonita  
e perguntei teu nome, Anita.  
Vi uma face sombria  
e acreditei em você, Maria.  
Beijei uma boca sincera  
e me entreguei a você, Vera.  
Senti um desejo de morte  
e você, Marta, foi a minha sorte.  
Te deixei no ardor da primícia  
e até hoje me lembro, Patrícia.  
A felicidade era tua carícia  
e te amava com amor, Letícia.  
Disse gozei e mentia  
e chorei por nós dois, Sofia.  
E andei de esquina em esquina  
vagando de Cristina em Regina.  
Decidi me casar com alguém  
e na hora, Lúcia, esqueci do amém.  
Ainda vago com esperança e agonia  
pesquisando esse teu coração, Bia.  
Deixarei a poesia incompleta  
como falta uma parte ao poeta;  
e no eterno trocar de lugar  
só espero a solidão enganar  
ou um grande amor encontrar.

*Rio, 1987.*

**A TUA AUSÊNCIA**

Sou um mero teorizador da vida  
Um transgressor do pensamento  
Valete de um baralho apócrifo  
Fixador idólatra de um momento.

Pois poesia é ser ninguém  
Enquanto ser não é verdade  
Há que ter o ser em si  
Fazer do todo uma metade.

Sou feliz na infelicidade  
A do amor incoerência  
De saber o que é saudade  
De temer a tua ausência.

*Rio, 1987.*

Copyright



**LOUCO VARRIDO**

Tenho ainda muito que aprender  
Ou então sou louco varrido  
Mas é tão gostoso me envolver  
Com alguém de sabor ardido!...

Não sei bem se a inspiração  
É porta-voz fiel do coração  
Mas o temor de não saber  
Me faz do teu veneno beber.

Viver é conhecer o doce e o amargo  
É temer as angústias de um amor  
Evitando que a doçura passe ao largo;  
Como disse, é rimar sorriso e dor.

\*\*\*

Não é ser um pessimista  
Um alguém que antecipa a dor do desconhecido  
Bom é ser um analista  
Pra sofrer com a alegria e se rir quando sofrido.

Alô adeus meu bem-querer  
Você me ama com prazer  
Mas é que eu sou um louco ator  
Que te ama só com amor.

*Rio, 1988.*

**TU**

És o pincel com que traço  
No espaço o meu sonho florido  
És um detalhe do vento  
Que lento me beija o calor  
Se todo dia me acordo  
E te recordo como um sonho perdido  
De noite me enrosco pequeno  
E obsceno me embriago de amor.

*Rio, 1988.*

Copyright

**A TUA IMAGEM**

Não sei bem o que me dá  
Quando o amargo me domina  
É uma estranha sensação  
Que me assusta e me fascina.

Vou pedir à inspiração  
Que do pouco me enfastie  
E ao tempo só imploro  
Que sem frestas me espie.

Vou ali e não demoro  
Só, de novo, e sem coragem  
Pra dizer que sinto falta  
De não ser a tua imagem.

Em algum lugar distante  
Está um brilho de prazer  
Que coloca em todo amante  
A semente e faz crescer.

*Rio, 1988.*

Copyright

**AMOR PAGÃO**

Não sei mais o que fazer com você  
Amor pagão  
Que desafia toda lei que eu criei  
Contra a paixão  
Você, que é minha sina  
Me alucina e me fascina  
Me acende com um sorriso  
E me fere sem aviso  
Você é o perdão do meu excesso  
E o amanhã que eu sempre peço  
Não é bem que eu te adore  
Ou que esteja em teu poder  
Mas é que essa minha vida  
Não respira sem te ver.

*Rio, 1988.*

Copyright

## O CORAÇÃO

O coração tem pouco pra dizer  
Enquanto a razão não entender  
Que não se pode dizer nada ao coração  
Com medo de se entender sua razão  
E pra dizer pouco ao coração  
É preciso não entender toda a razão  
Que pouco diz ao coração  
Que muito espera da razão.

*Rio, 1988.*

Copyright

## ESSAS LETRAS

O que fazer com essas letras?  
 Letras de dor, letras de amor.  
 Torná-las em rimas ricas  
 Ou empobrecê-las por solidariedade  
 Ao país infeliz?  
 O que fazer com essas letras?  
 Letras de cor, de vapor.  
 Poderia filosofá-las em ininteligíveis  
 Que foram, que são  
 Ou empunhá-las movido de paixão.  
 E letras tão belas  
 E letras confusas  
 E letras esquecidas  
 Letras que buscam  
 O sentido do inexplicável  
 Tentando, lembrando  
 Tirando, botando  
 Doá-las à praça pública  
 Alimentá-las de mendigos  
 Vesti-las da sujeira das ruas  
 São letras em poesia futurista  
 Porque de um passado em revista.  
 Ou então entregá-las a você  
 Com um beijo, no ensejo  
 Deixando de lado o pudor  
 Sem que falassem em pavor.  
 Mas são letras profundas  
 Da mente oriundas  
 Onde o mundo vagueia sem rumo  
 Num eterno trocar de lugar  
 Onde o pensar ganha e perde seu prumo  
 Sem no entanto parar e afundar.  
 O que pensar dessas letras? Que falam de sexo e se arrependem no amor;  
 que se apaixonam insaciáveis. Ah, se o caos finalmente decidisse pôr  
 ordem nas linhas tortas e retas das deusas letras...!  
 Afinal são letras fortes  
 De farta impressão  
 Que às vezes não falam de mortes  
 E nem sempre de comiseração.  
 Outras mais à toa  
 Afoitas se exibem em discussão  
 E algumas se desvirtuam  
 Para um brinde aos perdões  
 Enquanto uma perda se moraliza  
 E inventa as viciações.

O que dizer a essas letras?  
Se não que a letra é vã, anã  
Eco poderoso que não vibra no ar?  
Pois a letra é um desenho do amanhã da memória,  
É o desprendimento da sensação da certeza de nada saber, e a esperança de  
poder brincar com Golias sem cegar Davi.  
Como explicar a essas letras  
Que jamais farão sentido  
Nem a um simples pedido?  
A quem confiar essas letras  
Que querem a qualquer custo  
Dizer que carecem e conhecem o justo?  
Que têm raiva e que choram  
E que de vergonha se coram.  
A quem se não a mim  
Que as conheço e entendo  
E que no meu coração  
Logo as tranco correndo?

*Rio, 1988.*

Copyright

**UMA PARTE DE MIM**

Alguma parte de mim morreu  
Longe daqui.  
Pois sinto um sono profundo  
E o terror de ficar só.  
Deve ser minh'alma gêmea  
Ou um medo que pari  
Mas sei que foi a morte  
Pois do mundo tenho dó.

\*\*\*

Alguma parte de mim empenou a tinta  
E assinala a passagem  
De um lampejo de sentir  
Ah! tu, doce voragem  
Que do verso faz surgir  
Um mistério já contado  
E um rimar desajeitado.

\*\*\*

E, no entanto,  
Alguma coisa fez morrer dentro de mim  
Como em encanto  
A preguiça de gostar de ser assim.

*Rio, 1988.*

Copyright



**ALGUÉM**

Alguém me pediu um poema  
Que falasse de amor ou de uma coisa boa  
Mas é realmente uma pena  
Que não me lembre de quem no pensamento ressoa.

Fosse uma bela mulher  
Falaria com admiração  
E perguntaria me quer  
Pra desejar tua paixão?

Fosse uma pessoa prudente  
Ou de cultura marcante  
Diria ainda bem, felizmente,  
Que de ti jamais fico distante.

Fosse ainda alguém de quem eu gostasse  
Cujo amor por mim fosse algo de certo  
Talvez um beijo só, então, não bastasse  
Que dirá um poema, para tê-la por perto.

*Rio, 1988.*

Copyright

**ORA...**

Gostaria muito hoje de  
 escrever uma poesia.  
 Por isso escrevo este conto.  
 Ora, dir-me-á o atleta  
 das palavras; um louco.

Em que pese vinte vezes  
 a raiz das coisas,  
 as estrelas não têm fim.  
 Ora, então que o amor  
 jamais seja só um pouco.

Invasão, um olhar me perscruta.  
 Que estranho essa palavra aqui,  
 num conto sem rima.  
 Ora, que seja então poesia  
 pois eu falo até que fique rouco.

métrica, tétrica  
 peste do oeste  
 sul tão azul  
 morte sem porte

Foi uma sombra  
 que me desejou boa tarde  
 com o tesouro de meus olhos  
 desprocuro o porquê;  
 ora, então essa voz dentro de mim  
 não é se não o eco  
 de um prometeu vagabundo...

E em caso de não saber  
 o que dizer  
 haverá sempre o não-falar  
 o contemplar;  
 ora, pois se o verso é a contemplação do infinito...

*Rio, 1988.*

**VEJA BEM**

Um sestércio  
É quanto vale  
No vão comércio  
O que quero dar-lhe.

Mas um milhão  
Já em transe profundo  
É a sensação  
De ter você no mundo.

Perdoe a poesia insossa  
Ou seja lá o que for  
Só veja bem, essa moça,  
O tamanho do meu amor.

*Rio, 1988.*

Copyright

**VOCÊ ME PERGUNTA**

Você me pergunta  
Coisas profundas  
Que bem se escondem dentro de mim  
Me amuo num rápido  
Num desmomento de raiva  
Se de mim ninguém sabe  
Nem eu  
Se é tão bom só sentir  
Entendeu?  
E você ainda exige  
Que me abra de todo  
Sua voz me investiga  
Seu amor um engodo.  
Ah, se eu lhe pudesse dizer  
Se você pudesse, que fosse, entender  
Não que desmanche um prazer  
Nem que o amor possa ser  
Sei lá...  
O que aflige  
É que você me pergunta.  
A paixão quer de tudo pra si  
O amor do adultério se ri.  
São palavras perdidas na noite  
Em solidão de um quarto mais frio  
São pedidos mudos, sombrios,  
E é o cansaço de imparar de pensar.  
Que diabo você quer saber  
Será que é preciso dizer?  
Me desculpe  
Não se ofenda de novo.  
O meu ser foi escrito  
Decifrado e revisto  
Minha alma estudada  
Minha mente abordada  
De maneira discreta  
Numa ilha — ou creta.  
E meu corpo olhado  
Meu pensar desnudado  
E ainda vem me dizer  
Que não sabe você  
Que tanto lê  
Como rolam as pedras  
Nas encostas do mim!?

Se é tão simples...  
Eu estou nas palavras  
E nas rimas também  
Nos assuntos quaisquer  
No sentido insentido  
No feliz bem-me-quer  
Ou  
No azul desprovido  
De algum poeta ferido.

*Rio, 1988.*

Copyright

**EPIFANIA I**

Que alguém mais capaz  
Inteligente e sagaz  
Quem maior do que eu  
Nesse mundo ateu?

Que vivi e morri  
E as ruas varri  
Que passei de partida  
Pela corja da vida?

Que deixei que me olhassem  
E desafio malvado  
Não deixei que entrassem  
No meu mais dentro lado?

*Rio, 1988.*

Copyright

**DEPOIS DO JANTAR**

O ar está pesado  
Tem estado  
No mundo lá fora há fome  
Não se come  
No mundo cá dentro há cansaço  
Sem mais espaço  
Há um medo grande  
Uma coisa de susto  
Como se fosse acontecer  
Não chorar nunca mais  
O ar continua fugindo  
Como findo  
Na boca o gosto de sangue  
Na mão o poeta do mangue.

*Rio, 1988.*

Copyright

## O DILÚVIO

Il y a des choses à dire.  
Yeah. E o dilúvio continua.  
A chover e a chover  
Na alma dos incautos  
O sono me perturba  
O sexo me derruba  
E tudo que eu queria  
Era pensar na Maria  
Como fuga para o mundo  
Como atalho para o fundo  
E eis que me surge uma ideia  
Um simples pensamento  
De julgar a humanidade  
Pelo status do momento.  
Dá-me os louros da vitória  
Ou a sorte aleatória  
E por vezes vem me ver  
Sem te dares a conhecer.

*Rio, 1988.*

Copyright



## O RELÓGIO

Quem ainda não se sentiu traído  
Pelos enganos do relógio  
Que em certas horas corre demais  
E em outras não corresponde a nossa expectativa  
Temporal?  
Imoral.  
É estúpido pensar no relógio  
E então é sofrível se pensar no tempo  
Pois o que é o tempo  
Se não uma abstração  
Criada pela necessidade  
De consolidar burocraticamente as mudanças  
Por que passamos?  
Os fatos.  
O tempo não tem fatos.  
É um surrealismo  
Um abstrato antropomorfismo  
Um substrato  
Do contato  
Da Tetra com o nada  
Do nada com o cada.  
O tempo foi criado, sem dúvida,  
Por uma mente por certo lúcida  
Preocupada em registrar  
Em cronologar, em fixar.  
O tempo, digo eu, não existe.  
Pra que então viver assim?  
Mas e o relógio?  
Bem, o relógio é o relógio...

*Rio, 1988.*

**EM VENDO A NOITE**

O frio aqui em cima me faz chorar  
E o pensamento voa além  
Dos reflexos nos vidrinhos  
Não são orgasmos de velocidade  
Nem modismos adolescentes  
É um profundo desgosto do mundo  
E um acervo de coisas não feitas.  
E por isso corro  
Corro em duas rodas como se em quatro  
A geografia pouco significa  
E o pensamento não sossega um instante  
As visões são assustadoras  
Batidas, mortes ou uma queda que seja  
É tudo o que a consciência lampeja.  
O chegar será ainda monótono  
Como a repetição da milésima vez  
O deitar uma imitação do acordar  
Com a inversão da minha insensatez.  
Pois afinal não tenho nada a perder  
Só a vida — que insiste em arder.  
E amanhã quando a razão acordar  
E essa dor de não entender me voltar  
Espero ter de mais velho alguns dias.  
E visto que a vida é um eterno sofrer  
Ainda que pouco se nos façam saber  
Resta então a solidão destas noites tão frias.

*Rio, 1988.*

**CANÇÃO DO ESQUECIMENTO**

Não sou nada  
Veramente nada  
Não sobressaí nas letras de meu país  
Não fui doutor como mamãe sempre quis  
Tampouco morri em acidente marcante  
Ou sobrevivi a um ataque fulminante  
Jamais olhei de dentro da televisão  
Do rádio não me ouviram um só refrão  
Não inspirei novela, livro ou pagode  
De mim o jornal não fala — nem pode  
Nada descobri para curar doença  
Nem matei autoridade por desavença  
Nunca fui herói, muito menos bandido  
Nem deportado por motivo sofrido  
Só amei por prazer e por paixão  
Sem jamais ter feito pública minha emoção  
Nas ruas meu andar não é tão nobre  
Para que me reconheça o rico ou o pobre  
Enfim nem mesmo sei se homem serei  
Pois na mediocridade sempre me apaguei  
Nem sequer responderei perguntas sobre a vida  
De algum cantor num programa de sortida  
E das artes só me gabo de escrever  
O que nunca ao povo vou dizer.

*Rio, 1989.*

**COM O CORRER DO DIA**

Dia maldito que me trouxe a noite  
Noite abrasada que não dorme em breu  
De um perfume só me cheiro a mato  
Sob um poder que não me valeu.

A tarde enclítica o poema assou  
Em braços magros de ternura fria  
O céu de azul se aboliu do morro  
E a chuva disse que amanhã estia.

Adeus meu dia que me foi tão bom  
Adeus e vai se enfurnar no escuro  
Que hoje em dia já sonhar não vale  
A pena asmática por sobre o muro.

*Rio, 1989.*

Copyright

**DÚVIDA**

E se o tempo me faltasse de repente?  
E se a fresta em nosso amor de dor fremente  
Não sufizer pra vislumbrar a solução  
Como é então que vai ficar minha razão?

Pois que se morro e não te vejo ao cortejo  
Não me faria muito bem à outra vida  
E se não vou nem dou vazão ao meu desejo  
Terei pavor só de pensar em a partida.

E se de nós só restar mesmo a solidão  
De um amor então vivente e outro não?  
Me faltaria ao sexo forte a coragem  
De te perder por tão pequenina bobagem.

Pois que a vida só se tira a quem a tem  
E o amor a quem não espera sempre vem  
De mal com a sorte nenhum forte há que se poupe  
E sem amor não há mortal que se enroupe.

E se do vinho desse amor eu não beber  
Pois que sequer cheguei eu a te conhecer?  
Ou descobrir que nem a casca eu venci  
Para comer do amor a polpa, Deus, e se...?

*Rio, 1989.*

Copyright

**ISABEL**

Te amo nas linhas negras do papel  
Te amo nos garranchos sem jeito  
Te amo na rima pobre de whisky com bordel  
Te amo num olhar perdido em teu peito.

E se amar for pensar  
Te penso tanto que não sei  
Mas se amar for viver  
Já são mil anos que terei.

Te amo nas manchas deixadas no lençol  
E nas marcas das unhas em meu braço  
Como um peixe pendurado no anzol  
Te amo em versos bêbados que traço.

Porque o amor é um atalho  
Pelo abismo da loucura  
É a vida em sal e alho  
Que se converte em doçura.

Enfim te amo sem saber  
Muito bem o que dizer  
São confissões em um diário  
Em um filme sem cenário  
Frases mudas sem retorno  
Naufragadas e sem véu  
Vento frio nesse forno  
Que é a visão de Isabel.

*Rio, 1989.*

## TENTANDO ENTENDER O OLHAR ENIGMÁTICO DO GATO...

Por isso, sempre dê comida a um gato.  
 Ele pode ser o seu retrato.  
 De Sidarta e de Govinda,  
 Não, espera, é cedo ainda.  
 Uns buscando as nuvens dão o salto  
 Et les autres veem a vida coisa linda...

Por isso não renegue o lado baixo.  
 Quantos há dentro do facho  
 Dentro d'alma ou fora dela  
 Coisa feia ou coisa bela  
 A alguns importa pouco o que eu acho  
 E há outros que veem o mundo de uma sela.

Mas também não brinque tanto com tão pouco.  
 Se acaba por ficar ficando rouco.  
 E de tudo que se diz ou que se faz  
 A vida o muito leva, a morte o traz.  
 E por isso não exija tanto o troco  
 Muitos há cujo apetite é voraz.

O troco do soco  
 A bela capela  
 Que traz mas não faz  
 E que ainda é linda  
 O retrato do gato  
 Voraz e fugaz  
 Por baixo do facho  
 No salto do arauto...  
 Pega! — o leitor incauto.

*Rio, 1989.*

**MUDANÇA**

Muda tudo, de momento a momento  
Mudas de roupa, mudo de alento  
Muda o dinheiro, mudando o tormento  
E muda o amor, de cego a ciumento.

O em verdade vos digo também já mudou  
O valor mudará, se é que prestou  
Até o humano é mutante, se tu vens eu já vou  
E o infante, por que não está onde estou?

Fica, porém, a mudança, já realizada  
Ficou a semente, árvore potencializada  
Toda uma ideia, que será desmembrada  
O amorfo da forma a ser cristalizada.

Passou o homem, a mulher e a criança  
O auxílio já é fruta, o cansaço é andança  
A quem chega, a esperança da troca  
De quem parte, a memória se evoca.

*Rio, 1989.*

Copyright



**CLUBE**

É a bola que sobe  
E a água que splasha  
A palavra de inveja  
E o olhar sensual.

É a criança chorando  
E o homem-cerveja  
A mulher descansando  
E a menina que beija.

Não há muito a dizer  
Do lugar em si  
Porém muito a fazer  
Em dó, ré e mi.

São pessoas e sonhos e lutas e armadilhas  
Em meio a olhares e toques e fugas e rádios de pilha.  
Desafio à velhice, escola da juventude  
Sem a ordem dos fatores — valor de brancos e de negritude.

Enquanto lá são brigas e risadas  
Conforme o ponto, a marca e as pisadas;  
Porém não lá, entre o coração e a maldade,  
É uma coisa assim, inexplicável bem perto da saudade.

*Rio, 1989.*

Copyright

**FRAGMENTOS**

Aqui me quedo escrevendo de novo  
Versos tolos — em os lendo me calo  
São bobagens, como noite sem lua  
São paisagens, com carroças na rua  
Certa vez me fui levado a pensar  
Que a poesia vem e vai como o dia  
Mas na noite que sem versos caiu  
A inspiração em meu colo dormiu  
Diz o músico com as migalhas no bar  
Diz a puta com o cansaço no olhar  
Diz o mestre com o bolso vazio  
Diz o pobre com a vida no estio  
Dizem todos que nem podem sofrer  
O que os tolos procuram sem ver  
Ou seja, é no olhar, é nos gestos e vozes  
Que está a vida em suas mortes atrozes  
E é o poeta qual cavaleiro andante  
O responsável por esta missão humilhante —  
A de trazer para hoje o amanhã  
E de levar para longe o passado  
De tragar por vocês todo o fel  
De vomitar todo o gosto do nojo  
De adorar, sem gostar, a paixão  
E criar de uma tripa, coração  
Mas se a vida não fosse sozinha  
Onde todos só achassem razão  
Ah, se a vida fosse entendida  
Se a chegada não trouxesse a partida  
Aqui me quedo escrevendo de novo...

*Rio, 1989.*

**DIZE-ME QUEM ÉS...**

É que a hora já é tarde  
 E a solidão da noite em mim já arde  
 No pensamento um pedaço de pão  
 No corpo um desejo anão  
 Pois em tudo há o corte de uma sorte consorte  
 E no espírito o dedo azedo do medo arremedo  
 Seguramente o sonho não vem  
 Nem com a monotonia de um sono de trem  
 E não que a vida tenha um gosto de fel  
 É que já se esqueceu do aroma do mel  
 Pois que posto está o que foi disposto  
 E na estupidez do poeta o sabor sem gosto  
 Que me venham de graça as novenas de Samaria  
 Se é que existe algum conserto à mania  
 Mas depressa como depressa é o voo  
 Da andorinha que não vomita o enjoo  
 E se casa com o João-de-barro molhado  
 Pra fazer verão no subterrâneo alado  
 Depois recito em muda voz a poesia  
 E não sei se me chamo João ou Maria  
 E de novo recito já bem trôpego de sono  
 Torcendo que a rima ache logo seu dono

De tudo um pouco	Por tudo e mais
O conhecimento	A sangue-morno
De douto e louco	Que não se faz
E arrebatamento.	Amor suborno.

E lá se vai a noite com o barco da lua  
 Sem que se materialize a loura de saia nua  
 A vida inelutavelmente sem fé continua  
 A poesia irremediavelmente a pé se evacua.

*Rio, 1989.*

**SONIA**

Sabia tudo desde o início  
Ontem o hoje faz comício  
Nunca esperes que não seja eu que te veja  
Invento o sonho e o amanhã  
A te conter em meu afã.

*Rio, 1989.*

Copyright

**SEM PRETENSÃO**

Sem pretensão um soneto se me veio  
Figurante desleixado a se rir de meu anseio  
E as horas têm conchavo com a treva  
De querer e não poder de não saber se traz ou leva.

Assim não dá, que coisa louca  
Escrever tão coisa pouca  
No fim se esvai, a esperança  
De temer tua tardança.

Que se mude, que me altere  
Que se faça, que se espere  
Imbricado em fina teia

Foi o novo. E o conselho  
Foi o frio em que me espelho  
A incerteza me chateia.

*Rio, 1989.*

Copyright

**DESEJO QUALQUER – MAL-ME-QUER**

Quero ser teu para sempre  
Sem nunca o ser  
Quero ser teu dependente  
Sem querer  
Quero ser tudo na abrangência  
Do nada absoluto que extasia  
Sem pensar no amanhã  
Vivendo o agora em doce agonia  
Disparar por teus cabelos  
Em beijos loucos e perdidos  
Escutar o teu amor  
Em batidas sem compasso  
Fortes e pesadas, um peito arfante  
E o outro repousante  
Quero que o tempo se entedie  
Em esperar nosso cansaço  
E que a vida se atrofie  
Numa antessala com mormaço  
Em teus braços o infinito  
Em teus lábios eu perdido  
Ver a morte em vida aflito  
E te dizer que sou bandido  
Pois não sabes quem sou eu?  
Cavalheiro quando posso  
Apaixonado em destroços  
Quero embotar-me para o mundo  
Sem perder minha vontade  
Ir à lua num sorriso  
E sorrir com você nua  
Lembrar teu nome nos mercados  
E compor em noite quente  
Os romances que não digo  
Por temer um mau repente  
Por sobre a mesa o recado  
De mim pra mim  
De ti pra ti  
Pois ti é mim e mim sou ti  
Em se isto for correto  
Já não sei o que é o sonho  
E o sono é um pesadelo medonho  
De não querer me repetir  
De não saber como pedir  
De adiar o aproximar  
E de ser pobre no rimar  
Quero sentir ao ser sentido  
E ler o desejo de querer ser desejada

Em teus olhos de boneca  
Em teu ser toda mulher  
Que não importe o labutar  
O pensar e o comer  
Que se amargurem os pensadores  
Que não tenhamos o que fazer  
Que fazer? Um pão com mel  
Um raciocínio – vem do céu  
Quero então me agachar  
E te ver desesperada  
Sem saber,  
Sem querer,  
Sem poder,  
Toda amarrada no poder do meu olhar  
Aprisionada em minha posse  
Sem que um dedo só a toque  
E revezar nesta prisão  
A cela fria a me esperar  
O cheiro quente a me fritar  
Em tua mão um meu desejo  
Em teu tesão o amor perfeito  
Em minha espera – insatisfeito  
Em tua chegada o meu só beijo  
Pois quero ser teu de novo e sempre  
Em um momento sem tormento  
Em vinte anos de um segundo  
Ao descobrir que não há mundo  
Quero de azul me pintar  
No teu olhar  
E de verde te atizar  
Mas sem perder a cor do meu desejo  
Sem te ver quando te vejo  
Diz o sábio, diz o padre  
Dizem todos os que dizem  
Só não digo pois não sei  
Se te vi ou te pensei  
Esta carta  
De tão longa  
De tão ufana  
De palavras  
De amantes  
Com sabor  
Com voz pedante  
Vez em quando  
Esquecimento  
Vou levando  
Afobamento

É que é difícil ser amor  
E consciência ao mesmo tempo  
Pensar no tempo é dissabor  
Quando a vida é um momento  
Em se te tendo não há olhos  
Para querer seja o que for  
E a noite já se vai  
Vai dormir com meu torpor  
Tudo enfim é o dizer  
Que não quero te querer  
E que viver sem ser assim  
Seria então o morrer sem fim  
O fim de mim  
Quero ser teu sem bem o ser  
Quero te dar o meu viver  
Quero ser mais que tua morte  
Quero vagar em tua sorte  
Não consigo  
Não consigo  
Escrever é um castigo  
Parar é te insultar  
Não dormir é me assaltar  
Por um amor que não conheces  
Um sabotar que não mereces  
E no entanto...

*Rio, 1989.*



**DIVISANDO O SOL POENTE**

Diviso ao longe um portal sem fim  
De ouro e prata e de marfim  
Que se aenorma e vem a mim  
Em se negando de carmim.

Percebo ao lado um suspiro roto  
Andar sombrio amor esgoto  
Que se avoluma em névoa e porto  
Que faz o certo ficar torto.

Me acerco do som que me domina  
É um que pensa outro que assina  
A vida segue e o país me azucrina  
Até o banho me maltrata e me afina.

Apor o nome  
O sabonete  
Vagar sem roupa  
Coisa louca  
Diviso o claro  
E o escuro  
Cair da noite  
Dia no açoite  
Só esperar que a própria noite  
Em dia torne e não se afoite.

*Rio, 1989.*

**DEPOIS**

Você, é, você  
Que se me excita de emoções  
Estranho ser a me fitar  
Parece ter dois corações  
Um deles me examina  
O outro me alucina  
Um dilacera o meu peito  
Outro me acena lá do leito  
Divide comigo a imensidão  
De uma lágrima em perdão  
Me dá de teus dois um coração  
Confere sem mim a situação  
Sem te marcar de torpe ação  
E se compreender-me não puderes  
Que se faça do nada um alferes  
Pra te dizer alô em vão  
E fugir a pé tirado o chão  
E depois...  
Bem, depois...

*Rio, 1989.*

Copyright

**PERGUNTA**

Iago que sou  
Não me posso desculpar  
Homem de brio  
Só me quero humilhar  
Em te pensando escrevo isto  
Pois do amor eu não desisto  
Aboletado em refletir  
Agoniado em pensamentos  
Pois para que serve o amor?  
Pra torturar? Pra se deitar?  
Ou envolver alguns momentos?  
Amar, alçar voo  
Sonhar, por isso doo  
Se a vida fosse um reto agir  
E se querer um não sentir  
Oh! — é um imenso questionar  
Um de contrastes se abalar  
E enturmado em antítese  
Sinto fremir dentro da epífise  
Ou hipófise, sei lá  
Porque a sorte não é má  
E ainda absorto em recordar  
Me não mais quero perguntar  
O que te fiz, meu coração  
Que do meu sim fizeste não.

*Rio, 1989.*

**POEMA DO EU**

Enquanto vocês discutem o candidato à presidência  
Eu me embriago  
De prazer  
De bebida  
De poder  
Ser quem eu sou  
Eu escuto o noticiário  
Eu sou eu  
Eu me acomodo ao pensar masoquista  
Eu — eu — eu  
Eu repito o maldito eu  
E depois me durmo com o pensamento a matutar  
Algo de negrume a me agitar  
Só falo em mim porque só a mim conheço  
Só quero a mim porque só em mim me esqueço  
E se pobre — digo em mais um poema —  
É minha rima e poesia  
É como se a noite abraçasse o dia  
Em calma-ria  
Versos fundos  
E sem plexo  
Com alturas  
E um convexo  
Altar de almas cegas  
Que se esvaem na periferia  
Do amanhecer acovardado de estupor  
Enquanto o menor abandonado se extingue  
Na esfinge do medo dos adultos cidadãos  
E o bar se enriquece  
E se me jorra em plumas de sangue  
Uma catarse alcoólica com dois ós  
Porque mais não pode ter  
Escuto os sons dos gatos noturnos  
Que se me dão os gritos divinos  
De um amanhecer que não verei  
Pois dormirei  
E — e sempre e —  
A lembrança de tudo o que não fiz  
A incompletude do meu ser  
A mulher que não amei  
Porque a mulher que não me amou  
E a vontade de urinar  
Sou sincero com vocês  
E me arremedo em pesar  
Pois que só sei que de pensar  
Em me morrer me arruinar  
Se me dariam — adoro esta construção —

E já se quebrou todo este elo  
De um versículo em poesia  
E de antemão me admiro  
De tanto ver de tanto ser  
Uma cachola de falares  
Um alquebrado almoxarife  
O que é isso deus do céu?  
Que são palavras a cair  
Do céu, do inferno do saber  
De ser quem quer que eu queira ser  
Desculpe amiga se não fui  
Desculpe amigo tolum sui  
E segue o verso segue o astral  
Em uma nuvem coqueiral  
Lembrando Mozart em sonho fênix  
A presepada em jogo cênix  
Há quanto tempo se me não vem  
A frase solta o pó também  
E além do mais se não te importas  
Que pé no saco — tu me cortas  
Um asco azedo um só momento  
A nau posseira o vento alento  
A professora o ideal  
O sol mar alto e boreal  
De um lado a sede inconstante  
De outro o espírito incessante.

*Rio, 1989.*

**JOE**

Hey Joe, se você for pra São Paulo mesmo  
Você tem que saber, você tem que entender  
Que uma parte fica aqui.

Hey Joe, a turma aqui tem te conhecido  
E se você pensar, não se assuste de ver  
Alguém pensando te encontrar.

A gente tem mais é que viver  
Tem que fazer e acontecer  
E se um vai um fica pra trás  
Mas só que ir é começar a voltar  
Dizer adeus é como um copo de chope  
E olha, Joe, não pensa demais.

Hey Joe, além do mais Sampa é logo ali  
E a gente fica por aqui, saudade é festa  
Joe, goodbye.

*Rio, 1989.*

Copyright

**CHEIRO DE VOCÊ**

Quando de um sobressalto apareceu  
Um faz-de-conta, uma alegria  
Um devaneio em mentografia de você  
A acalantar minha lembrança  
Nessa saudade um quero-mais feito criança  
Pois tudo aqui tem cheiro de você...

E se a paz que são teus olhos  
A me ver  
A me querer  
Morrer de amor  
É te imaginar  
Aqui.

*Rio, 1989.*

Copyright

**A CLARINETA**

(para Mozart)

E a música pra mim tem cor de roxo  
São amorfismos lindos que aumentam e diminuem  
No crescer e morrer da orquestra  
E eu quase choro com o miado pungente da clarineta  
Um arrepio sobe com o trinar do violino  
Para depois tudo acabar  
Em gozo orgásmico de final de sinfonia  
A cama é pouca pra meu cansaço esgotado  
As sensações continuam e o roxo ainda existe  
Um roxo belíssimo  
De tons maiores e menores  
De alegrias e tristezas  
Mas acima de tudo a paz  
A paz que é conseguir ouvir  
Conseguir entender  
Entrar de corpo e alma na música de outrem  
A linguagem musical se aprende  
Gradualmente, ou não! —  
O entender é como impulsos de entendimento  
Visões abreviadas porém cheias, plenas de conhecer  
Musicar a vida, compassar as emoções  
Essa a missão desses braços  
E depois escrevo  
Como sempre  
Escrevo desesperadamente  
Como uma vontade irreverente  
Porque fremente, premente  
Ardente — dirias tu  
Ó amante da arte que se alucina  
Com o amarrotar das impressões — uma vacina  
Contra a dor de não poder ouvir  
Contra o ardor de não saber pedir  
Como é difícil em palavras dizer  
O que as notas acabaram de fazer  
No ar à minha volta  
No vibrar de linhas tortas

\*\*\*



A clarineta soa já um solo longe  
E o meu corpo ainda se queda inabrandado  
Porém em muito satisfeito  
A plenitude é um constante adicionar de novos fatos  
Já que à noite nem são pardos nossos gatos  
O entender independe da vontade  
É uma dádiva, uma inesperada súbita realidade  
E se mais ponho as conjunções a trabalhar  
Menos esqueço a clarineta a se chorar...

(inspirado no concerto para clarineta  
e orquestra em lá maior, de W. A. Mozart)

*Rio, 1989.*

Copyright

**ACHO**

Que perdi a capacidade de amar  
 E também há coisas mais importantes a fazer  
 De igual prazer  
 Pois como amar num mundo sem amor?  
 Como ser alguém em meio ao estupor?  
 Dividendos militantes  
 Hipocrisias flagrantes

Demais Demais  
 Um na frente  
 Outro atrás

Além do mais, o que é o amor?  
 Ninguém sabe ninguém viu  
 Quando chega já partiu...

Por mais  
 Tenaz  
 Um fraco  
 Audaz

E por isso acho  
 Por tudo que é praxe  
 Um quadro pastel  
 Pintado a guache  
 Em só se amando se sente  
 A dor de ser semente

Depois do arroz  
 Alguém descrente  
 Um passo em falso  
 O forte  
 A morte

Por isso acho  
 Que é tudo engodo  
 E se a luz balir com um latido profundo  
 Ainda assim suponho  
 Que nada se sabe das coisas férteis do mundo.

*Rio, 1989.*

**AINDA**

Ainda há muito a fazer  
Alma minha  
E muito a dizer.

Quanto mais não seja  
Uma palavra de amor  
Mesmo que jamais se veja  
A causa primeira da dor.

Se rimar é traduzir  
O voltar enquanto ir  
Ai de nós, deserto eco  
Que insiste em te molhar  
          enquanto seco.

*Rio, 1989.*

Copyright

**POEMA DO FIM**

Miserável albatroz  
Que trouxe o medo até nós  
Voando um voo de mau gosto  
Fazendo o posto ser disposto.

Condenável quebra-noz  
Que a quebrar nos fez de vós  
Alusão de ver no tudo  
O canto escuro ficar mudo.

Insuperável essa voz  
Que adormece o mais feroz  
E a vida corre nauseabunda  
De mitos vários oriunda.

Admirável ser atroz  
Que não desfez todos os nós  
Uma vontade de pairar  
Só, no da morte limiar.

*Rio, 1989.*

Copyright

**UM QUERER**

Então digo outra vez  
Em bom e claro português  
Parece que quando falo calo  
Você não entende  
Não compreende  
Quero te namorar  
Sem precisar te beijar  
Quer dizer  
Isso não impede  
Entendeu?  
É um querer que não quer ser  
Só quer poder  
Ser sem saber  
Eu sei que é difícil  
Que é talvez inútil  
Que é um sentimento fútil  
Querer ser abandonado  
Num abraço apertado  
Desperdiçar um tempo hábil  
Amando, vezes louco, ora imóvel  
Mas é que quero ser teu namorado  
Sem precisar ficar grudado  
Estando sempre do teu lado  
Ou não.  
Que importa o riso  
Se escondido nasce o siso?

*Rio, 1989.*

## PARA VINÍCIUS OUTRA VEZ

Já pensei no dito  
 No não dito  
 E no que queria dizer.  
 E no entanto ainda não sei o que fazer.  
 Dado que o amor não se explica.  
 É como a flor que na teoria não se aplica.

Já revisei o mito  
 O maldito  
 O aflito e o viver.  
 E ainda não sei bem como morrer.  
 Enquanto paira no meu ar um jeito estranho  
 De um vapor meio-sem-graça de antanho.

Já fiz amor  
 E muita dor  
 Num mausoléu de esperança.  
 E aqui confesso a impaciência com a tardança.  
 Mujer de hoy, esperando estoy.  
 Ou qualquer coisa que pareça e que não foi.

Contra o verso e o não-verso  
 O anverso e o adverso  
 Contra mim e o não-mim  
 O jasmim e o curumim  
 Contra o tudo do absurdo  
 Contra o nada da esplanada.

Já lutei, desesperei  
 Sorri muito  
 E chorei.  
 E como todos não fiz nada que preguei.  
 N'algun além devem estar tuas respostas.  
 Já que te esvais num nado seco e de costas.

Já vi a surra  
 E a curra  
 Num afago vi carinho.  
 E entretanto não há pombos em teu ninho.  
 Ah, poesia, que te repetes tanto em mim  
 Faze algo urgente, não maltrata o mundo assim.  
 Pois que há vida na poesia  
 E há cura já na própria amarga azia.

A favor de um amor  
Infinito enquanto for  
A favor de toda dor  
Do sorriso e do torpor  
A favor de tudo pôr  
Num elogio sem favor.

Já.

*Rio, 1989.*

Copyright

**POESIA INACABADA**

Poesias e mais poesias  
    Poesias daqui e de lá  
Poesias que falam de mim  
    Poesias de um sonho sem fim

**POESIA INACABADA I**

Poesias demais poesias  
    Poesias poesias e poesias  
Poesias que são só poesias  
    Poesias que nem são poesias

**POESIA INACABADA II**

Poesias que em tempo vão  
    Poesias que ao amor se dão  
Poesias a matraquear  
    Poesias que vão torturar

**POESIA INACABADA III**

Poesias e mais poesias  
    Poesias de tirar o ar  
Poesias de preenchimento  
    Poesias são o pensamento

**POESIA INACABADA IV**

Poesias por demais poesias  
    Poesias que do ser se evadem  
Poesias que não têm poesia  
    Poesias — que jamais se acabem.

*Rio, 1989.*



**EM TEMPO**

Você que afaga a esperança  
De uma sorte ingrata e bela  
Que se esmera na andança  
E vê o mundo da janela.  
Você que a mente tem espessa,  
Esqueça.

*Rio, 1989.*

Copyright

...

Já que pode estar o fim  
A dois segundos só de mim...

*Rio, 1989.*

Copyright